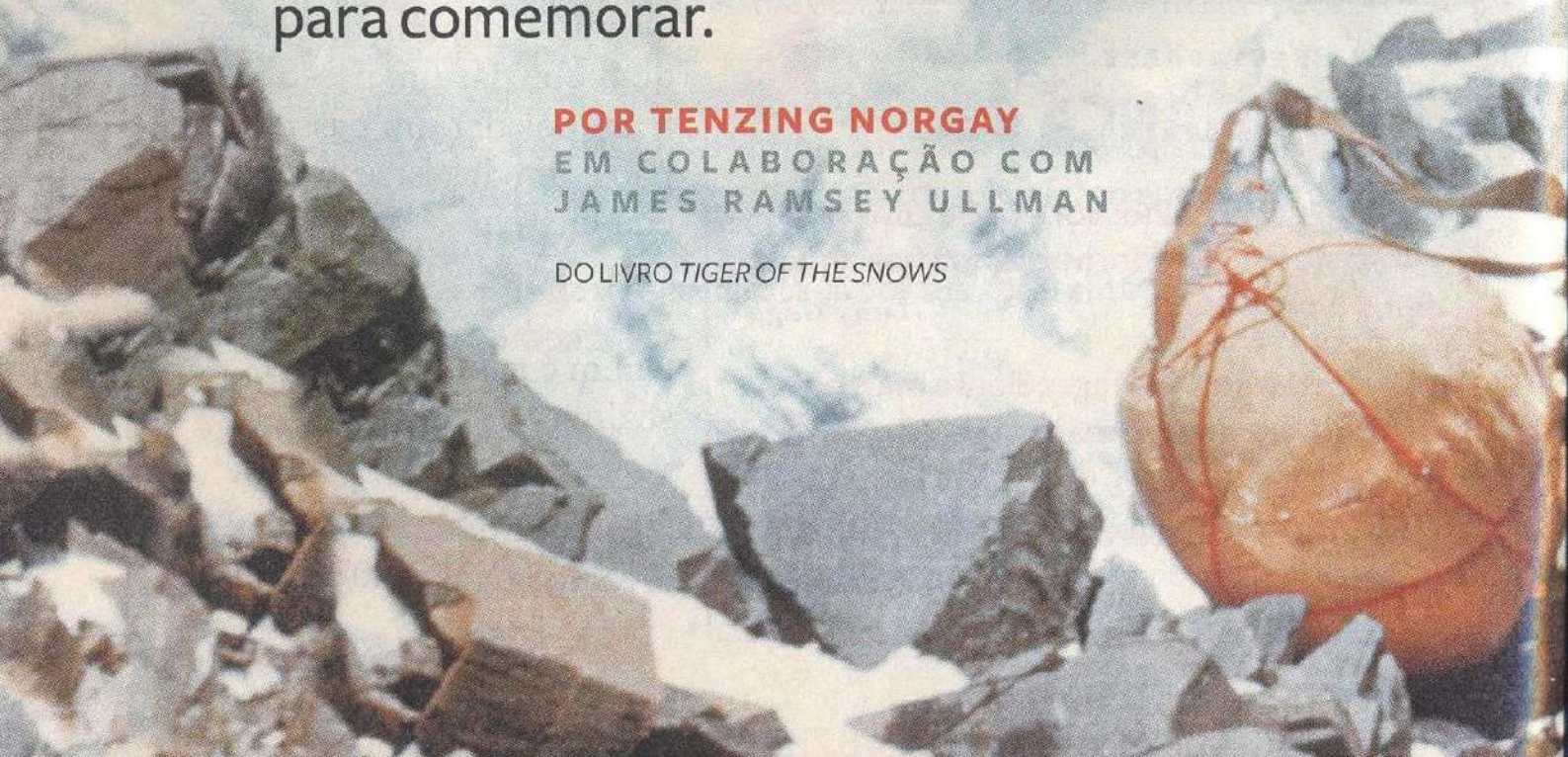


1. Aquela dia no Everest

Há exatamente 60 anos, em 29 de maio de 1953, dois homens chegaram pela primeira vez ao pico do Monte Everest. Quando essa notícia se espalhou, a rainha Elizabeth II se preparava para a coroação e ainda havia no mundo clima para comemorar.

POR TENZING NORGAY
EM COLABORAÇÃO COM
JAMES RAMSEY ULLMAN

DO LIVRO *TIGER OF THE SNOWS*



**Edmund Hillary (no alto)
e Tenzing Norgay na
Crista Sudeste, prestes
a partir para o Colo
Sul a fim de montar o
Acampamento Nove,
abaixo do Pico Sul do
Everest.**



Para o alpinista xerpa Tenzing Norgay, a viagem ainda tinha muitas curvas à frente. “Foi um caminho longo”, explicaria depois, “da base do Everest até o topo; de carregador de cargas da montanha a dono de um casaco com fileiras de medalhas, que viaja de avião e se preocupa com o imposto de renda.” Em suas próprias palavras, eis o que aconteceu naquela escalada histórica e como ele e Hillary lidaram com a eterna pergunta: “Quem chegou primeiro ao pico?”



Sou xerpa, um homem simples das montanhas do grande Himalaia. Sou uma pessoa de sorte. Tive um sonho que se realizou, e isso é algo que não acontece com frequência. Escalar o Everest, que meu povo chama de *Chomolungma*, chegar ao topo do mundo, era o que eu mais queria na vida. Finalmente, na sétima tentativa, o sucesso me foi concedido e agradeço por isso. “*Tuji che*”, como dizemos em xerpa. “Sou grato.”

Eu tinha 21 anos quando consegui meu primeiro emprego de

alpinista na expedição ao Everest comandada pelo inglês Eric Shipton, em 1935. Fui um dos xerpas que leva-

ram cargas até 7 mil metros de altitude, o máximo alcançado por aquela expedição. Nessa altura, os outros xerpas ficaram contentes de descer. Mas eu queria subir ainda mais. No Everest, nunca consegui pensar em outra coisa.

Houve muitas expedições nos anos seguintes, e sempre me procuravam quando havia necessidade de auxiliares xerpas. Em 1952, fui *sirdar* – chefe



Em 1953, Tenzing Norgay provavelmente passara mais tempo no Everest do que qualquer outro alpinista.



Integrantes da expedição britânica ao Everest (1953): a partir da esquerda, Edmund Hillary, coronel John Hunt e Tenzing são, respectivamente, o quinto, o sexto e o sétimo da fila de trás.

oficial de todos os xerpas - em duas expedições suíças ao Everest. No ano seguinte, a história das expedições suíças se tornou conhecida no mundo inteiro, e recebi cartas de muitos países. Uma delas era um convite para voltar ao Everest como *sirdar* com um novo grupo britânico comandado pelo coronel John Hunt. Com ele estaria a nata dos alpinistas ingleses e também dois neozelandeses, entre eles Edmund Hillary, que participara tanto do reconhecimento do Everest, em 1951, quanto da expedição Cho Oyu, de 1952.

Não dei a resposta na mesma hora, mas acabei dizendo simplesmente:

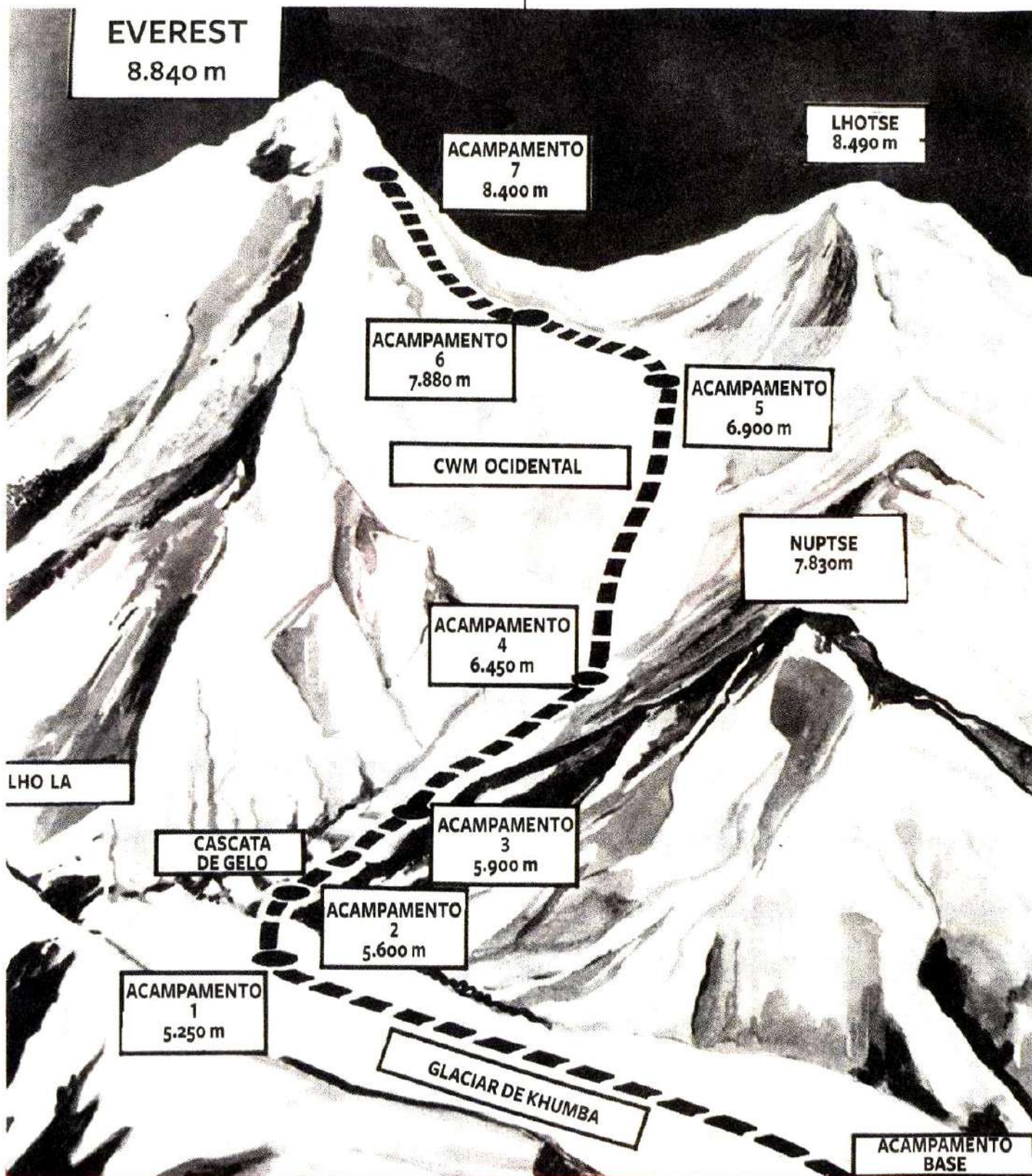
“Sim, irei.” Então ajudei a formar a equipe de 20 xerpas. Era um time forte, com maioria de veteranos do Everest, tanto das expedições suíças quanto do reconhecimento de 1951.

Como sempre fazia antes de uma grande expedição, esforcei-me para entrar em forma. Levantava-me bem cedo, enchia uma mochila de pedras e fazia longas caminhadas subindo e descendo os morros vizinhos. Não fumava nem bebia e me afastava das festas, a que normalmente gosto de ir. E o tempo todo pensava, planejava e esperava o que aconteceria nessa

sétima viagem ao Everest. *Chegou a hora de fazer isso*, disse a mim mesmo, pois estava então com 39 anos. *É agora ou nunca*.

O dia 1º de março era a data marcada para partirmos de Darjeeling.

Um amigo me deu uma bandeirinha indiana para levar comigo: "Para pôr no lugar certo", disse ele. E Nima, minha filha caçula, me deu um toco de lápis vermelho e azul que usava na escola, que também prometi pôr



O pontilhado é a rota do "Pico Sul" usada por Hillary e Tenzing até o cume do Everest. Os círculos são acampamentos base montados posteriormente.

no “lugar certo” se Deus desejasse e fosse bom comigo.

Antes do começo da expedição, me prometeram uma oportunidade de chegar ao topo se eu estivesse em condições físicas. Quando me examinaram no acampamento base, os médicos viram que, de todos, eu estava em melhor forma. Os outros escolhidos para a tentativa de chegar ao pico foram o Dr.

Charles Evans e Tom Bourdillon, que escalariam como uma equipe, e Edmund Hillary, que seria meu parceiro.

A partir de então, fiquei com ele o tempo todo. Hillary era um alpinista maravilhoso e tinha treinado muito nos picos gelados da Nova Zelândia. Como muitos homens de ação, quase não falava. Mas logo nos tornamos uma dupla forte e confiante.

Um exemplo de como trabalhávamos juntos aconteceu enquanto ainda estávamos na cascata de gelo. Num fim de tarde, descíamos um preso ao outro pela corda, com Hillary à frente. Fazíamos um caminho sinuoso entre as altas torres de gelo quando, de repente, a neve sob os pés de Hillary cedeu e ele caiu numa fenda.

“Tenzing! Tenzing!”, gritou ele. Felizmente não havia muita corda entre



Hillary, com 33 anos na época, descreveu-se como “uma pessoa comum com qualidades comuns”.

ele contou aos outros: “Sem Tenzing, hoje teria sido meu fim.” Era um belo cumprimento, mas o incidente não foi nada de extraordinário. Os alpinistas estão sempre se ajudando.

Nas primeiras semanas em que trabalhamos juntos, Hillary e eu levamos cargas leves do acampamento base até o Cwm Ocidental [uma bacia cavada no glaciar] ou ajudamos os xerpas novatos na rota íngreme pela cascata de gelo. Enquanto isso, outras equipes de *sahibs* e xerpas trabalhavam à nossa frente. Na mesma rota que os suíços usaram no outono, subindo a encosta do Lhotse e depois passando pelo topo do esporão de Genebra, eles montaram acampamentos até o Colo Sul. E, em 20 de maio, o grupo avançado estava pronto para seguir até o colo propriamente dito

nós e eu estava preparado.

Finquei a picareta na neve, me joguei no chão e fui capaz de interromper sua queda depois de uns cinco metros. Então, puxando e içando devagar, consegui tirá-lo de lá. Quando ele saiu da fenda, minhas luvas estavam rasgadas pelo atrito.

“*Shabash*, Tenzing! Muito bom!”, disse, agradecido. Quando descemos até o acampamento,



No Acampamento Seis, no Cwm Ocidental, Tenzing e Hillary tomam uma xícara de chá para comemorar a bem-sucedida escalada do Monte Everest.

[um largo desfiladeiro entre dois picos da montanha].

Finalmente, a luta pelo topo estava prestes a começar. De acordo com o plano, Bourdillon e Evans subiriam primeiro até o Colo Sul, juntamente com o coronel Hunt e vários xerpas, que seriam seu grupo de apoio. Então, um dia depois, enquanto eles tentavam chegar ao cume, Hillary e eu iríamos até o colo, com a ajuda de George Lowe, Alfred Gregory e oito dos melhores xerpas.

Bourdillon e Evans deveriam partir do Acampamento Oito no Colo Sul e subir o máximo que conseguissem – até o pico, se possível. Mas havia cerca de cem metros entre o colo e

o pico. Para eles, não haveria acampamento intermediário, e seria uma façanha maravilhosa se conseguissem chegar ao topo e voltar no mesmo dia. Talvez fossem capazes disso, ninguém sabia. Mas o coronel Hunt chamou a tentativa deles de simples “operação de reconhecimento”.

Se e quando não conseguissem mais avançar, seria a nossa vez – minha e de Hillary. Mas, para nós, outro acampamento, o nono, seria armado na crista do pico, o mais alto que os homens conseguissem, e tentaríamos a partir de lá, com vantagem muito maior.

Assim, em 23 de maio, o grupo Bourdillon-Evans partiu pelo Cwm acima.

E no dia seguinte fomos atrás deles. Passamos a noite no Acampamento Sete e depois chegamos ao Oito, onde só havia uma pessoa, o xerpa que chamávamos de Balu – o Urso. Era um dos que acompanhavam o coronel Hunt. Mas, naquela manhã, ele se sentira mal demais para continuar escalando. Assim, o coronel Hunt e o outro xerpa tinham avançado sozinhos, cada um levando o máximo de suprimentos que conseguia.

Um pouco depois de chegarmos ao colo, vimos lá em cima o coronel Hunt e o xerpa Da Namgyal descendo a encosta nevada pela Crista Sudeste. Estavam terrivelmente cansados. O coronel ficou caído durante alguns minutos e lhe dei suco de limão morno e o ajudei a entrar numa barraca. Depois de descansar um pouco, ele nos disse que tinham subido

mente, vimos duas figuras descendo pela encosta de neve. *Não conseguiram*, pensei. Ainda estava muito no início da tarde para que tivessem chegado ao pico e voltado. Corremos para recebê-los, e estavam tão cansados que mal conseguiam falar ou se mexer. Tinham alcançado o Pico Sul, o ponto mais alto já atingido pelo homem. Para eles, fora o limite.

Mais tarde, quando recuperaram um pouco as forças, fizemos perguntas de todo tipo sobre a rota e as dificuldades. Embora estivessem doentes de exaustão, envidaram todos os esforços para nos aconselhar e nos ajudar. E pensei: *É, é assim mesmo na montanha. É assim que a montanha engrandece os homens.* Só graças ao trabalho e ao sacrifício de todos eles é que Hillary e eu teríamos agora a oportunidade de chegar ao topo.

“O vento ficou ainda mais forte do que de costume. Quando a luz chegou, ele rugia como mil tigres.”

até cerca de 8.300 m, onde haviam deixado os suprimentos do nosso acampamento. Entre eles estavam os tanques de oxigênio que tinham usado para subir. Terem descido sem oxigênio era um dos motivos para estarem em condições tão ruins. Então, na sinistra solidão do colo, esperamos Bourdillon e Evans.

Esperávamos e olhávamos para cima, várias vezes. Até que, final-

Dez de nós passamos a noite no colo, amontoados em três barracas de dormir. Hillary e eu partiríamos cedo, mas, na escuridão, o vento que ali soprava constantemente ficou ainda mais forte do que de costume. Quando a luz chegou, ele rugia como mil tigres. Nem adiantava pensar em partir. Só pudemos esperar e torcer para que a tempestade amainasse.

Enquanto as horas passavam, fi-

camos deitados nas barracas o dia inteiro, tentando nos manter aquecidos e tomando grande quantidade de chá, café, sopa e suco de limão. De vez em quando, eu saía e ficava em pé no vento, olhando o pico da montanha lá em cima.

Na segunda noite, o tempo ainda estava ruim. Fiquei escutando o vento e pensei: *Ele tem de parar. Estive sete vezes no Everest. Amo o Everest. Mas*

de neve mais além e acompanhamos uma comprida vala que levava à Crista Sudeste. Como planejado, os degraus cavados pelos outros facilitaram nosso avanço, e, quando eles chegaram ao pé da crista – perto do meio-dia –, já os tínhamos alcançado. Estávamos no ponto mais alto que o coronel Hunt e Da Namgyal haviam atingido dois dias antes, e ali na neve estavam a barraca, a comida e os tan-

“Bem enroladas na minha picareta estavam quatro bandeiras: Nações Unidas, Grã-Bretanha, Nepal e Índia.”

sete vezes já basta. Daqui temos de ir até o topo. Tem de ser desta vez. Tem de ser agora...

28 de maio. Quando a primeira luz surgiu, ainda ventava, mas por volta das oito horas o vento abrandou. Olhamos um para o outro e aquiescemos. Tentaríamos. Um pouco antes das nove, George Lowe e Alfred Gregory, com o xerpa Ang Nyima, partiram, cada um deles levando quase 20 kg e respirando com auxílio do oxigênio. Cerca de uma hora depois, Hillary e eu fomos atrás, com 23 kg cada. A ideia era que o grupo de apoio fizesse o trabalho lento e difícil de cortar degraus no gelo, e assim poderíamos avançar no nosso ritmo sem nos cansar demais.

Atravessamos as pedras congeladas do colo. Depois subimos a encosta

ques de oxigênio que tinham deixado para nós. Tivemos de acrescentar isso à carga, e a partir daí passamos a levar 27 kg cada.

A crista ficou mais íngreme, e o nosso ritmo, mais lento. Então a neve se tornou mais espessa, cobrindo profundamente as rochas, e foi necessário cortar degraus de novo. A maior parte do tempo, foi Lowe quem fez isso. Ia à frente do caminho com a picareta em ação, enquanto nós o seguíamos. Mas às duas da tarde estávamos todos tão cansados que escolhemos um lugar abrigado por um penhasco rochoso para acampar. Ali, com um rápido “Até logo – boa sorte”, nossos três companheiros começaram a descer.

Hillary e eu ficamos sozinhos numa altitude de 8.500 m, o acampamento mais alto que já fora montado. Trabalhamos quase até escurecer tentando

criar um lugar nivelado. Tudo levava cinco vezes mais tempo do que em altitudes menores. Finalmente montamos a barraca e, quando nos arrastamos para dentro dela, não estava tão ruim assim.

Fizemos os planos para o dia seguinte. Então, respirando o “oxigênio noturno” [em quantidade reduzida], tentamos dormir. Mesmo nos sacos de dormir de plumas de êider, ambos usávamos a roupa toda, e mantive as botas suíças de rena. À noite, em sua maioria, os alpinistas descalçam as botas porque acham que isso ajuda a circulação do sangue nos pés. Hillary tirou as dele e as deixou ao lado do saco de dormir.

As horas se passaram. Cochilei e

acordei várias vezes. À meia-noite ainda não havia vento algum.

29 de maio. Por volta das três e meia da madrugada, começamos a nos mexer. Acendi o fogareiro e fervei neve para aquecer suco de limão e fazer café, e comemos um pouco. Ainda não havia vento. Quando abrimos a aba da tenda, tudo estava claro e silencioso à luz do início da manhã. *Meu Deus do céu, rezei no meu coração, seja bondoso conosco agora – hoje.*

Mas a primeira coisa que aconteceu foi ruim. As botas de Hillary haviam congelado e agora pareciam dois pedaços de ferro preto. Durante uma hora inteira tivemos de segurá-las acima do fogareiro, puxando-as e massageando-

As botas de Hillary foram feitas especialmente para a expedição. A foto mostra a bota à direita ainda em fabricação, e dá para ver o forro de pele.





Hillary (na frente) e Tenzing se aproximam lentamente da Crista Sudeste, a cerca de 8.300 m. Os dois alpinistas levam cargas de 23 kg.

-as, até a barraca se encher com o cheiro de couro chamuscado e ambos ficamos ofegantes como se já estivéssemos escalando o pico.

Às seis e meia, saímos da tenda. Ainda estava claro e sem vento. Tínhamos calçado três pares de luvas – de seda, de lã e à prova de vento. Então prendemos os crampons nas botas e pusemos os 18 kg do equipamento de oxigênio nas costas. Bem enroladas na minha picareta estavam quatro bandeiras: Nações Unidas, Grã-Bretanha, Nepal e Índia. E, no bolso do casaco, estava o toco de lápis azul e vermelho da minha filha.

– Tudo pronto?

– *Ah chah*. Pronto.

E lá fomos nós.

As botas de Hillary ainda estavam enrijecidas, e seus pés, frios, então ele

me pediu que fosse na frente. Por algum tempo, foi assim que seguimos na corda, subindo do acampamento até a Crista Sudeste e depois ao longo da crista rumo ao Pico Sul. Logo os pés dele melhoraram e trocamos de lugar na corda, e nos revezamos a partir daí, para dividir o trabalho de chutar e cortar.

Pouco abaixo do Pico Sul, a crista se alargou num tipo de encosta de neve. Escalávamos uma parede branca quase vertical. O pior era que a neve não estava firme e não parava de escorregar – e nós com ela –, até que pensei: *Da próxima vez vamos escorregar direto até o sopé da montanha.*

Finalmente vencemos esse trecho e, às nove horas, estávamos no Pico Sul. Durante dez minutos descansamos lá, olhando o que ainda havia à frente. Não era uma distância muito

grande – apenas uns 90 m de crista – mas era estreita e íngreme. À esquerda, o precipício chegava até o Cwm Ocidental, 2.440 m abaixo. E à direita havia cornijas de neve, pendendo sobre uma queda de 3.050 m até o Glaciar de Kangshung.

Subimos passo a passo até chegar ao que poderia ser o último grande obstáculo. Era um penhasco de pedra que se erguia diretamente da crista e a bloqueava. Agora a questão era como passar por ele. O único caminho possível era uma falha íngreme e estreita entre um lado da pedra e o flanco interno da cornija adjacente. Hillary foi subindo, lenta e cuidadosamente, até uma espécie de plataforma. Por sorte, chegou a salvo ao alto da rocha e segurou a corda enquanto eu ia atrás.

próxima será a última? Finalmente, chegamos a um lugar onde podíamos ver além das corcovas, e ali estavam o grande céu aberto e planícies castanhas. Olhávamos o outro lado da montanha, que dava para o Tibete. À nossa frente só havia mais uma corcova – a última.

Pensei muito sobre o que direi agora: como Hillary e eu chegamos ao pico do Everest. Mais tarde, quando descemos da montanha, houve muita conversa boba sobre quem chegou lá primeiro. Em Katmandu, para acabar com tudo aquilo, Hillary e eu assinamos uma declaração na qual dissemos: “Chegamos ao pico quase juntos.” Mas todos continuaram a fazer perguntas. Apontavam o “quase” na frase e diziam: “O que significa

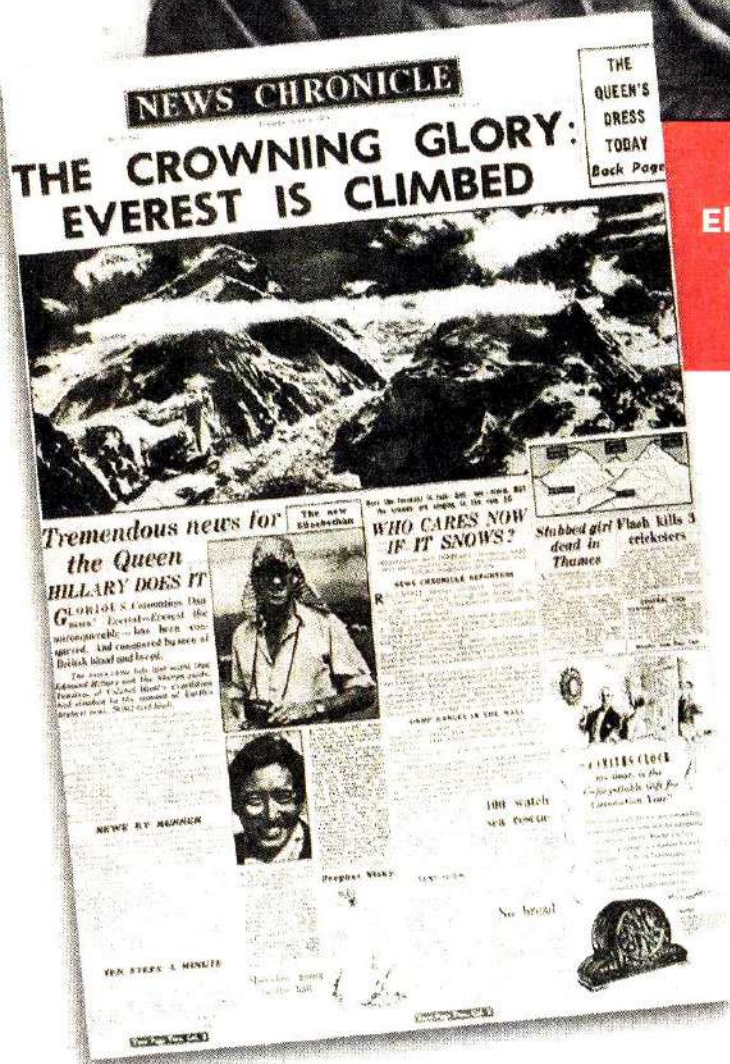
“Agitei os braços no ar e depois abracei Hillary, e demos tapinhas nas costas um do outro.”

No topo do penhasco, descansamos e inspiramos oxigênio devagar. Olhei para cima: o topo agora estava muito perto, e meu coração bateu com empolgação e alegria.

A uns 30 m do topo, chegamos às rochas nuas mais altas. Peguei duas pedrinhas e as guardei no bolso para levar de volta ao mundo lá embaixo. Então ficamos entre algumas corcovas nevadas que seguiam para a direita, e toda vez que passávamos por uma delas eu me perguntava: A

‘quase?’” Os alpinistas entendem que uma pergunta dessas não faz sentido. Quando estão na mesma corda, dois homens estão juntos, e só. Mas os outros não entenderam.

Um pouco abaixo do pico, Hillary e eu paramos. Olhamos para cima. Depois continuamos. A corda que nos unia tinha nove metros de comprimento, mas eu segurava a maior parte dela enrolada na mão, de modo que só havia cerca de dois metros entre nós.



Em 2 de junho, dia da coroação da rainha Elizabeth II, a notícia da façanha se espalhou pelo mundo, e muitos a consideraram um bom presságio para o futuro.

estar um passo atrás de Hillary, então viverei com esse demérito.

A primeira coisa que fizemos no pico do Everest foi o que todos os alpinistas fazem quando chegam ao pico de uma montanha: apertamos as mãos. Mas isso não bastava para o Everest. Agitei os braços no ar e depois abracei Hillary, e demos tapinhas nas costas um do outro até que, mesmo com o oxigênio, ficamos quase sem fôlego. Então olhamos em volta. Eram 11 e meia da manhã, o sol brilhava e o céu tinha o azul mais profundo que eu já vira. Soprava apenas uma brisa suave vinda do Tibete, e a pluma de neve que sempre sopra do pico do Everest era bem pequena.

À nossa volta, em todos os lados, estava o grande Himalaia se estendendo pelo Nepal e pelo Tibete. Para ver os

Eu não pensava em “primeiro” e “segundo”. Não pensei com meus botões: *Há uma maçã de ouro lá em cima. Vou empurrar Hillary para o lado e correr para pegá-la.* Continuamos devagar e com firmeza. E então estávamos lá. Hillary pisou no topo primeiro. Eu pisei logo atrás dele. Se for demérito

picos mais próximos – gigantes como Lhotse, Nuptse e Makalu – tínhamos agora de olhar bem para baixo. E, lá longe, toda a extensão da maior cordilheira do planeta parecia apenas montinhos sob a vastidão do céu. Naquele grande momento pelo qual eu esperara a vida inteira, minha montanha não parecia uma coisa sem vida, de pedra e gelo, mas sim calorosa, amistosa e viva.

Desligamos o oxigênio. Mesmo ali, no topo do mundo, era possível viver sem ele, desde que não fizéssemos nenhum esforço. Limpamos o gelo que se formara nas máscaras e joguei uma bala na boca. Então recolocamos as máscaras. Mas só voltamos a ligar o oxigênio quando saímos do pico.

Hillary pegou a câmera que levava debaixo da roupa, desenrolei as quatro bandeiras da picareta e ele tirou uma foto minha. Fiz um gesto para tirar

uma dele, mas, por alguma razão, fez que não com a cabeça, não queria. Em vez disso, passou a fotografar mais, em volta e por todos os lados do pico, enquanto eu tirava do bolso um pacote de doces e o toquinho de lápis vermelho e azul da minha filha Nima. Cavei um pouco a neve e deixei tudo lá. Ao ver o que eu fazia, Hillary me entregou um pequeno crucifixo que Hunt lhe dera e o pus ali junto. *Em casa, pensei, ofereceremos doces aos que nos são próximos e queridos. O Everest sempre fora querido para mim, e agora também é próximo.* Enquanto cobria minha oferenda, fiz uma oração silenciosa.

Depois, disse à montanha: “*Tuji che, Chomolungma. Sou grato, Everest.*”

Tenzing Norgay morreu em 9 de maio de 1986, em Darjeeling, Índia, aos 72 anos. Este artigo foi publicado pela primeira vez em 1955.

ISSO NÃO AGRADA MUITO

Enquanto dirigia pela rodovia, minha filha observou que havia uma criança à janela de um carro na faixa ao lado. Passou um tempo olhando para o menino e só então notou que ele segurava um pedido de socorro escrito à mão.

Algum tempo depois, ela foi ultrapassada pelo veículo e olhou novamente para o carro. O menino ergueu o papel junto com outro, que dizia: “Minha mãe está cantando!”

Lil Gibson

Os colegas de trabalho do meu marido planejavam fazer um churrasco no fim de semana, mas ainda estavam decidindo se deviam convidar as mulheres e namoradas.

Nesse momento, aquele que emprestaria a casa resolveu se manifestar:

– É melhor não – disse ele. – Senão a gente vai ter de servir salada e tudo o mais.

Catherine N. Wells